

Última chance

Yasmin Gabrielly Borges
Cardoso Silva

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Davy, um garoto de 16 anos que, apesar da pouca idade, uma grande conturbação o invadia. Com o divórcio dos pais e a perda da sua irmãzinha, tudo virou um caos. Atualmente, morava com a mãe narcisista, que transformava absolutamente tudo em problema. Ele se sentia culpado de alguma forma. Sentia falta da união familiar que possuía antes, dos momentos bons que nunca voltariam a acontecer.

Infelizmente a vida escolar de Davy não foi das melhores. Era um dos melhores alunos da sala — e até mesmo da escola. Suas notas caíram muito desde todos esses problemas. Talvez estivesse até mesmo em depressão. Seus amigos, que antes o chamavam para sair, estavam em qualquer momento de farra, agora não existiam mais. Ele estava sozinho, num vazio, como se fosse o único em um deserto sem fim. Seus professores e coordenadores notaram o seu mau rendimento escolar e a queda de suas notas, mas nada fizeram. Sua escola não era acolhedora, não se importavam com os problemas pessoais dos alunos.

Um certo dia, quando completava mais um mês desde a morte de sua irmã, que faleceu aos cinco anos devido a um câncer, Davy passou o dia todo abalado. Seus olhos marejados entregavam sua tristeza, sua mágoa contida. Na sala de aula, sua cabeça só ficava abaixada na mesa, com a mente em outro lugar bem distante dali. Estava perdido, sem rumo algum. Davy permaneceu daquele jeito durante todas as aulas antes do intervalo.

Quando o sinal tocou, todos saíram, exceto um grupinho de má influência — já que eram conhecidos pelo vício em drogas. Felipe, Miguel e Richard ao verem a situação do colega de classe, caminharam rindo até ele. Chegando em sua mesa, o cutucaram, fazendo com que o mesmo levantasse a cabeça. Sua expressão pálida e abatida impressionou os garotos que, após o susto inicial, soltaram um riso irônico, de como se soubessem a solução para resolver os problemas dele.

— Qual é, Davy? Sai dessa, irmão. — Felipe, rindo, entregou um baseado para ele. Davy, de imediato, encarou e negou com a cabeça, mas os três passaram a insistir. Devido à pressão que fizeram, Davy acabou aceitando. Pegou o baseado e colocou em sua boca.

Miguel puxou um isqueiro do bolso e acendeu para ele, que logo deu uma tragada. De imediato, foi estranho. Uma sensação diferente, quase insuportável. Entretanto, após alguns segundos, parecia que tudo subiu para a mente. E, neste momento, seus problemas se aliviaram. Ele se levantou, ficou em pé, soltou um riso nasal e logo sentiu a mão de um dos garotos em seu ombro. Abriram a porta da sala, e seguiram para fora. Davy foi guiado por seus novos “amigos” para um local mais afastado e escondido na escola.

Fumaram, e desde ali, tudo piorou.

Nos dias seguintes, o garoto começou a fumar com frequência, em influência dos outros garotos. Passaram a andar sempre juntos, os quatro, naquele ciclo sem fim. Davy acreditava que havia melhorado, que seus problemas haviam passado. Não voltava cedo para casa e trocou sua vida caseira entediante por uma realidade falsa, alucinada, em uma imaginação inexistente que se esforçava para acreditar que era real, mesmo que não fosse.

Numa das diversas noites sob efeito de drogas, cansado de ouvir sua mãe falando mais absurdos, culpando o primeiro que encontrasse pela frente, cansado de sentir falta de um passado que não voltaria — risadas, conversas em família, passeios, momentos simples e bobos que se tornaram especiais em seu coração — Davy estava perdido. Naquela noite, parecia que nem mesmo a droga era capaz de fazê-lo fugir dos problemas.

Ele estava mal, mandou mensagem para seus novos amigos contando disso — e não foi respondido. Ali, Davy percebeu que não tinha amigos, que eles só o queriam nos momentos “bons”, nos momentos de soltar a fumaça para o ar.

Cansado de absolutamente tudo, andou sozinho pelas ruas da cidade, até passar na frente de uma casa que havia fama de amaldiçoada. Obviamente o garoto nunca acreditou nisso, pois não acreditava em fantasmas. Para ele, era tudo um grande papo furado. Então, parou em frente à entrada da residência, deu uma tragada no baseado e entrou. Ele ria

baixinho, se negando a acreditar que várias pessoas de fato acreditavam em fantasma, espíritos, coisas do tipo. Viu um banquinho próximo da porta de entrada da casa, numa pequena área coberta. Lá, sentou-se e continuou fumando, perdido em seus problemas.

De repente, um arrepio forte veio na espinha, o fazendo paralisar por alguns segundos. Do nada, uma voz ecoou por seus ouvidos e quando virou seu rosto pôde ver a silhueta de um homem pálido, com os olhos quase vermelhos e uma expressão de infeliz. Possuía um colar com a inicial “J”, utilizava uma camisa branca, suja, e uma calça velha e rasgada.

— Você não acredita em fantasmas, mas eu acredito em garotos como você.

Davy piscou forte algumas vezes, tentando certificar-se de que não estava delirando. Ele balançou a cabeça algumas vezes, sentiu suas mãos ficando quentes e uma sensação estranha o invadia aquele momento. Aquilo era mesmo real? Não era efeito de drogas? Parecia que naquele instante o clima havia ficado tenso. O ar parecia pesado e um frio repentino vinha contra sua pele, lhe causando arrepios dos pés a cabeça. O som das folhas das árvores eram mais altos agora, o som enferrujado de uma antena velha em cima da casa e seu próprio coração batendo mais forte, alto o suficiente para que ele mesmo pudesse ouvir dali. Apesar disso, Davy ficou paralisado. Não gritou, não fugiu, não se mexeu. Apenas ouviu.

— Eu achei que estava no controle. Que era forte. Que estava vencendo todos os meus problemas. Mas no fim, fui só mais um que desistiu cedo demais. — disse ele. Aquilo tocou o coração de Davy. Parecia que finalmente havia despertado e a ficha caiu.

Percebeu o erro que estava causando em sua própria vida e não pôde evitar as lágrimas que agora escorriam de seus olhos. Era como se ele estivesse vendo o reflexo do seu próprio futuro.

— Diferente de mim, que seguiu o mesmo caminho que você está seguindo e acabei morrendo com isso, você tem escolha. Você ainda pode mudar isso. Você tem esperança, tem livre arbítrio de mudar tudo isso que está acontecendo na sua vida. (aqui parece a voz falando com Davy)

Davy não disse nada, apenas sentiu, usufruiu de cada palavra que ouviu e as deixou tocar seu coração.

— Eu também pensei que conseguiria segurar o caos. Mas o vício me venceu. E, diferente de você, eu não vi ninguém pra me avisar. (aqui parece a voz de novo falando com Davy). Quando piscou os olhos mais uma vez, não viu a figura lá. A alma daquele homem

havia desaparecido. Um homem que não descansou em paz porque não viveu, se arrependeu de não ter vivido. Teve uma vida difícil, se entregou às drogas e acabou tendo uma overdose naquela casa.

Desde então, sua alma nunca ficou em paz, porque ele queria mudar o que não pôde ser mudado enquanto ainda estava vivo. Davy sentiu medo, mas ao mesmo tempo se sentiu sufocado por não poder ter feito nenhuma pergunta ao homem que viu. Queria respostas para suas perguntas, queria saber mais, mas não pôde. Porém, somente aquilo já era o suficiente para mudar sua vida e sua visão. Aquilo foi mais que o suficiente para fazê-lo repensar em suas ações e apontar mais um pouco de esperança e forças para se levantar. Naquela noite, o garoto voltou para sua casa. Aquele acontecimento não saía de sua mente, e por incrível que pareça havia mudado completamente sua vida.

No dia seguinte, a vontade de fumar apertou, novamente ofereceram drogas a ele, mas ele recusou. A vontade bateu forte, uma necessidade que ele conseguiu conter. Toda vez que ele pensava em colocar novamente um cigarro em sua boca, se lembrava de José. Ele investigou mais sobre o antigo dono daquela casa, e descobriu algumas coisas sobre aquele homem. Ficou completamente chocado quando teve a certeza que era exatamente aquele homem que havia conversado com ele.

Davy cresceu, amadureceu e venceu o vício. Conseguiu crescer na vida, abriu um grupo de jovens que espalhavam este relato e ajudavam garotos que passavam por coisas parecidas. O nome desse projeto foi “Nunca é Tarde”, em uma homenagem ao que havia acontecido naquela noite.

Ele agradecia diversas vezes silenciosamente por aquele acontecimento, um acontecimento que mudou sua vida para sempre. Agora, era como se sua própria alma descansasse em paz, sem culpa, sem fardo. Conseguiu criar sua própria família, nunca mais voltou àquela casa e descobriu um propósito em sua vida, que era ajudar o máximo de pessoas que conseguisse.